

# VIOLÊNCIA E TRAGICIDADE NOS ROMANCES *CORPO VIVO E MEMÓRIAS DE LÁZARO* DE ADONIAS FILHO

Maria Fernanda Arcanjo de Almeida (UEFS)  
[nandaarcanjo8@gmail.com](mailto:nandaarcanjo8@gmail.com)

Benedito José de Araújo Veiga (UEFS)  
[bveiga@uol.com.br](mailto:bveiga@uol.com.br)

## 1. Introdução

Adonias Aguiar Filho, escritor baiano nascido na cidade de Itajuípe, é dono de uma prosa carregada de violência e tragicidade, elementos estes que caracterizam o sul da Bahia à época do cultivo do cacau. Assim, este trabalho, a partir dos romances *Corpo vivo* e *Memórias de Lázaro*, pretende analisar aspectos trágicos e episódios violentos na ficção do escritor em questão, levando em consideração a relevância da obra deste para a literatura brasileira e a falta de estudos acerca do tema.

Como dito anteriormente, o corpus literário do trabalho será composto pelos romances *Corpo vivo* e *Memórias de Lázaro*, romances de grande expressão dentro da novelística do autor e que se destacam pelos seus enredos catastróficos, onde a desgraça e a desventura, via de regra, acabam acometendo os personagens.

Em *Memórias de Lázaro*, publicado em 1952, Adonias Filho retrata a crueldade e a desumanização do povo que vive no Vale do Ouro, através das memórias da personagem central – Alexandre. A trajetória do herói da trama é marcada por muito sofrimento e violência, além da tentativa frustrada de fugir do seu destino, daquilo que “a vontade divina” lhe havia reservado. Assim, o tom trágico e violento da obra é fortemente marcado.

Em *Corpo vivo*, romance publicado em 1962, Adonias Filho traz à baila um mundo sombrio e brutal, em que estão imersos personagens desejosos de vingança e cegos de ódio. Além disso, há uma exposição da violência que caracterizou a região do Sul da Bahia à época do cultivo do cacau.

Desta forma, através de um estudo reflexivo sobre o tema, que terá como base teórica as publicações de Aristóteles (1966), Paranhos (1989), Michaud (1989), entre outros, mostrar-se-ão quão permeados de

violência são os romances aqui analisados, destacando-se a dimensão universal do tema e revelando tanto a violência física cometida ou sofrida por personagens das tramas, quanto a violência psicológica.

## 2. *Corpo vivo e Memórias de Lázaro: representações de violência e tragicidade*

Adonias Aguiar Filho é considerado um dos maiores romancistas brasileiros, mestre das inovações técnicas e estilísticas. Fazendo parte do grupo dos escritores da década de 40, Adonias Filho ficou conhecido por amalgamar em seus romances a tradição clássica, especialmente a que remonta à tragédia grega, e técnicas e inovações formais, como uso do *flashback* narrativo e mudança constante de narrador.

Outro elemento determinante da prosa adoniana são as expressões de violência e tragicidade que marcam o destino dos seus personagens. Assim, na voz de Dias Gomes, “Adonias Filho é o criador de um mundo trágico e bárbaro, de mistério, de violência, varrido por um sopro de poesia.”<sup>256</sup>

A temática da tragédia e da violência pode ser considerada como universal nos domínios da literatura. Entretanto, em relação à tragédia, especificamente, é preciso distinguir o gênero trágico (relativo à tragédia clássica) das obras de conteúdo trágico. Com relação à tragédia clássica Aristóteles (1966, p. 74) define

[...] imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama]; [imitação que se efetua] não por narrativa, mas mediante atores e que suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções.

A tragédia era então concebida como um espetáculo cênico, em que atores representavam seres grandiosos que passavam por momentos de choque, causando terror e piedade ao público e, ao fim de tudo deveria ocorrer a *catarse* (a purificação). O trágico, por sua vez, vai estar relacionado com os eventos desfavoráveis ocorridos na vida das personagens. O trágico são as ações violentas e funestas. Dessa maneira, como se comprovará adiante, as narrativas adonianas em questão são perpassadas

---

<sup>256</sup> Fragmento retirado do texto que se encontra no site  
<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=454&sid=231>>

tanto por elementos que caracterizam as tragédias clássicas, quanto pelo conteúdo trágico.

Vale ressaltar, ainda, que na modernidade a tragédia vai aparecer atrelada aos conceitos de desintegração e alienação do homem. O destino não mais será comandado pelos deuses e o herói não terá caráter grandioso. Salienta-se, porém, que alguns escritores modernos renovarão conceitos trágicos em suas obras, como exemplo disso, o baiano Adonias Filho que, “pertence à família dos grandes romancistas que herdaram a tradição da mitologia clássica, embora incorpore às convenções com que lida as técnicas e inovações formais dos séculos XIX e XX” (PARANHOS, 1989, p. 13).

Ao contrário da tragédia, que pode ser definida de forma consideravelmente simples, a violência é um fenômeno complexo e de difícil determinação. De acordo com o Aurélio (1999), violência é a qualidade de violento, ato de violentar, ou ainda, constrangimento físico e moral, uso da força, coerção. Entretanto, a própria origem da palavra violência mostra que ela pode representar não só força física, mas, transgressões de todas as ordens:

“Violência” vem do latim *violentia*, que significa violência, caráter violento ou bravio, força. O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a *vis*, que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa. Mais profundamente, a palavra *vis* significa a força em ação, o recurso de um corpo para exercer sua força e, portanto, a potência, o valor, a força vital. (MICHAUD, 1989, p. 8)

Na literatura a violência é representada de forma bastante variada, podendo aparecer tanto em forma de crimes como assassinatos, sequestros, estupro, quanto em forma de coerção ou rejeição social de determinados indivíduos.

*Corpo Vivo*, publicado em 1962, é o último livro da “Trilogia do Cacao”, da qual também fazem parte *Memórias de Lázaro* e *Os Servos da Morte*. Nesse romance, que é considerado pela crítica como a obra prima do autor, é narrada a história de Cajango que, aos onze anos de idade vê a família ser assassinada por conta da ganância de coronéis pelas terras de cacao. O primeiro episódio do livro – a chacina da família do herói – já mostra os tons violentos em que a trama será pintada

Na sala de estar, emborcadas na poça de sangue, as duas meninas – Maria Laura de doze anos, e Maria Lúcia, de dez anos, estavam caídas como alvejas em plena carreira. Sobre o batente da porta, como se estivesse escapado

dos braços da mãe, o corpo tão pequeno do pagão que ia fazer três meses. Andando com os pés no sangue, em direção à sala onde ficara minha mulher, levantei o candeeiro para aumentar a luz. A comadre ainda tinha as mãos sobre o rosto e, um pouco distante do marido, como que se preparava para dormir. Januário de costas, estirado, sangrado no pescoço como se fosse um porco. [...] Maria Teresa. Era a mais velha e tinha dezoito anos. [...] Fui encontrá-la na despensa, quase despida, e observei que unhas de homem tinham rasgado a sua pele. Deitada de bruços, o sangue já não gotejava da ferida aberta na nuca. O punhal, que a matara, penetrara fundo. (FILHO, 1975, p. 6-7)

A partir de então, a vida de Cajango muda completamente. Sabendo do risco eminente que o afilhado corria, Padrinho Abílio, que encontrara os corpos na fazenda dos Limões, decide levar o menino para as brenhas do Camacã, a fim de que ele fosse protegido pelo seu tio, Inuri. No Camacã Cajango cresce como “a fera pior que a pior fera” (AGUIAR FILHO, 1975, p. 36), na qual se incutiu o desejo de vingança. O ódio de Cajango era alimentado dia após dia pelo seu tio que dizia “Quando crescer, se crescer, tem que matar os assassinos dos pais” (AGUIAR FILHO, 1975, p. 19). Na voz de Inuri, a presença de um destino que não podia ser contrariado. Nas entranhas de Cajango o sangue dos pais e irmãos, que pedia vingança e que o fazia ser cruel e selvagem.

Para realizar a sua tão desejada vingança, o herói da trama une em torno de si um bando de homens igualmente cruéis e sanguinários. Estes homens, apresentados como feras ao leitor, são os responsáveis pela guerra travada na região sul da Bahia à época do cultivo do cacau, espalhando o pânico e a barbárie como se vê no fragmento que segue

Na manhã de hoje, assim que o sol subiu, obrigaram o povo a se reunir em torno da jaula. Homens, mulheres e crianças eram como sombras mudas. Empurrado por quatro cabras, trouxeram o caboclo Juca e, frente aos olhos apavorados, atiraram-no aos dentes dos cães dentro da jaula. Muitos não viram que fecharam os olhos. Outros não ouviram que taparam os ouvidos. Mas se terrível foi o grito do homem – um único grito –, não menos terrível foi a arremetida dos cães. As mandíbulas à mostra, ganindo e aos saltos. Dilaceraram o corpo que se converteu numa pasta informe. Rasgando a carne, com os pelos sujeitos de sangue, teriam comido aquilo não fosse o chefe ter manejado o rifle. Vomitando fogo, em suas mãos, a arma não deixou um só cão vivo. E, no silêncio aflitivo que se fez, em seu calção de couro de carneiro, exclamou: – É assim que Dico Gaspar mata os vermes! (FILHO, 1975, p. 13)

Assim, como bem analisou Silva (2011, p. 44) “entender como se opera a violência no romance é, sobretudo, entender o contexto no qual a narrativa se insere, no período do cultivo do cacau no sul da Bahia”.

Em relação aos aspectos trágicos no romance *Corpo Vivo*, pode se dizer que estes aparecem tanto na forma, quanto no conteúdo. O conteú-

do como já se viu e já se provou é de violência e barbárie. Em se tratando da forma, a identificação de Cajango com o herói clássico é um ponto axial na relação do romance adoniano com a tragédia clássica. Além disso, outras questões como o destino inexorável, a existência de uma profetisa e a presença de uma espécie de corifeu – personagem que regia o espetáculo cênico na antiguidade – conferem à trama qualidades da tragédia clássica.

*Memórias de Lázaro*, publicado pela primeira vez em 1952, como o próprio título sugere é um romance que, trata de lembranças, de reminiscências. Através do personagem central – Alexandre – o leitor conhece a crueldade e a desumanização do povo que vive em um ambiente hostil e degradante: o Vale do Ouro. Este romance é permeado por uma atmosfera sombria e assustadora que, por vezes, assemelha-se a um pesadelo ao qual o leitor é arremessado, graças ao poder de persuasão de Alexandre – narrador e protagonista da história – que o convida a acompanhá-lo em suas lembranças e, acaba por enredá-lo, de modo que aquele não consegue deixar a trama sem conhecer o final.

O romance começa com a descrição feita por Alexandre sobre o vale. Já de início fica claro que a paisagem não é meramente decorativa, mas, um recurso utilizado pelo autor para demonstrar o quanto pessoas, objetos e animais estão unidos e formam uma peça coesa na vivência trágica. Estrada, vento, canal de lodo. Todos esses elementos funcionando como complemento da vida dos que no vale vivem e, tornando os seres ainda mais rudes “Aqui, embora as moças cantem na colheita e possam os rapazes domar os potros entre gritos, negra é a alma e bruto o coração”. (AGUIAR FILHO, 1978, p. 5)

Por influência do vale os homens se tornam brutos, perversos. Daí a violência e as tragédias serem, de certa forma, banais para os habitantes daquele lugar. Parricídios, fratricídios, incesto, assassinatos, nada parece chocar ou atemorizar os homens que vivem em uma terra onde não existe lei.

Primitivos, insensíveis, e possuidores de um ódio que tudo domina, os homens e mulheres do vale são o produto do próprio vale. Assim, o Vale do Ouro é um ambiente desesperador que age deterministicamente sobre as pessoas do lugar. Estas, influenciadas pelo vale, são iguais a ele, seres brutalizados pela animalidade do ambiente e que nascem, crescem e morrem sem que conheçam outras paisagens (SILVA, 2011, p. 55).

O trágico no romance, assim como em *Corpo vivo* se caracteriza através de vários elementos, mas, em especial, pelo destino, traçado des-

de o nascimento e do qual é impossível escapar. A esse respeito Bosi afirma: Adonias engendra “(...) a armação de uma trama em que as personagens ficam, por assim dizer, suspensas nas mãos de um poder suprapicológico, a Graça, o Destino” (1997, p. 483). O supracitado se confirma em trecho que segue

E o que captara – enquanto sobre o vale se cumpria o destino que não pedira, mas que a mim fora imposto como o corpo – agora me aparecia na força de uma presença vergonhosa: o homem por si mesmo não decide nada. Outra teria sido a experiência se Rosália houvesse sido minha mãe, houvesse Jerônimo sido eu, e eu o pai do meu pai. Passivamente, porém, já vínhamos integrados numa ordem irremovível, numa estrutura tão hedionda que não nos permitia sequer a escolha do coração. (AGUIAR FILHO, 1978, p. 115-116)

A violência, por sua vez, também perpassa toda a trama, entretanto, as barbáries que mais se fixam na mente dos leitores são, sem sombra de dúvida, as cometidas e sofridas após o aparecimento de Rosália – mulher por quem Alexandre se apaixona. “Até conhecer Rosália, o mundo fácil, sem abismos, inteiramente dominado pela presença de Jerônimo” (AGUIAR FILHO, 1978, p. 29).

Após conhecer Rosália inúmeros obstáculos se põem para que os “filhos do vale” fiquem juntos. O primeiro obstáculo é Chico Viegas, pretendente de Rosália, a quem Alexandre logo convence a desistir dum futuro enlace. Em seguida o pai de Rosália – Felício Santana – se nega a entregar sua filha a Alexandre e, após tentar matar o pretendente da filha é morto pela própria com um golpe de faca nas costas. Temendo a reação dos irmãos, caso descobrissem que Rosália era a verdadeira assassina, Alexandre assume a culpa do crime em lugar da amada. Os fatos que sucedem são ainda mais carregados de tragédia. Ao chegar à casa de Alexandre, após o enterro do pai, Rosália confessa ter sido agredida pelos irmãos – Roberto, Fernando e Henrique – e, estuprada pelo primeiro. Temendo que a mulher carregue no ventre o fruto do incesto, Alexandre não a possui e promete se vingar. Algum tempo depois Rosália é morta e, então, uma segunda versão da história vem à baila. Roberto assume o assassinato da irmã e conta que ela era um verdadeiro monstro:

Ninguém sabe por que nasceu assim – disse Roberto, como se não estivesse começando, mas prosseguindo na sua confissão – e ninguém saberá de onde veio o seu coração perverso. [...] Seu maior divertimento, até certa idade, sempre foram os próprios cabelos. Arrancava-os para queimá-los no fogo. [...] Foi depois, porém, que começou a pensar nos pássaros. [...] Ela tirou os pássaros, um a um, e com a faca, cortou as pernas. Furou os olhos, com a ponta da faca de dois ou três, já não me lembro bem. Pai zangou-se, era natural. Chegou a espancá-la, pai, a ponto de Rosália vomitar sangue. [...] Na noite seguinte eu dormia, e acordei quando ouvi os gritos de pai. Quando corria, ela pas-

sou por mim com um facho na mão. Pai tinha o rosto em carne viva. E gemia. Entrara no quarto, com o facho aceso, e o calcara com toda força na cara de pai. (AGUIAR FILHO, 1978, p. 97-98).

Em dúvida, castigado por um sem fim de sofrimentos e se sentindo como um morto em vida, Alexandre comete um crime contra Roberto: fura os olhos daquele que o torturara com narrações negativas acerca de Rosália. Por instinto de animal, Jerônimo estrangula Roberto, terminando assim o serviço que Alexandre havia começado. Após a morte de Roberto Alexandre passa a ser visto como uma ameaça ao vale e, aconselhado por Jerônimo foge dele. Ao final, o protagonista da trama acaba por regressar ao lugar onde nasceu e foi criado, para então morrer de forma trágica, mas ao mesmo tempo libertadora. Após cair no canal de lodo, Alexandre enfim se vê livre da sua vida de desgraças, violências e tragédias.

Exposto isto, fica evidente a importância dos romances de Adonias Filho para a literatura brasileira. Criando uma prosa obscura, em que predominam a violência e o terror e em que (re)surgem elementos que constituíam o gênero trágico, o escritor baiano cria também romances *sui generis*, que, segundo Afrânio Coutinho são “a primeira manifestação do ‘romance negro’ na moderna literatura brasileira”. (1969, v. 5, p. 477.) Assim, pode-se perceber a ligação entre os romances de Adonias com o mítico, com o trágico, embora seus romances também sejam revestidos de técnicas modernas.

### 3. Considerações finais

As lutas pelas terras de cacau no Sul da Bahia deixaram marcas significativas na produção literária de Adonias Filho. A violência e a tragicidade, como se comprovou ao longo deste estudo, foram elementos sempre presentes na obra desse autor, marcando os seus personagens através de atos de barbárie e crueldade. Em vias de conclusão pode-se inferir que os atos violentos e trágicos que perpassam as narrativas estudadas são reflexos do contexto social e das condições hostis em que viviam imersas as pessoas daquela região.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR FILHO, Adonias. *Corpo vivo*: Romance. 11. ed. São Paulo: Difel, 1975.

\_\_\_\_\_. *Memórias de Lázaro*: Romance. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ARISTÓTELES. *A poética*. Trad. Eudoro Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989.

PARANHOS, Maria da Conceição. *Adonias Filho: Representação épica da forma dramática*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

SILVA, Wanessa Guimarães da. *A presença do trágico em Memórias de Lázaro e Corpo vivo: Um estudo da narrativa de Adonias Filho*. 2011. Dissertação de mestrado em Literatura e Diversidade Cultural. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2011.